

**Carla Moura Pereira Lima  
Victor Vincent Valla (org)**

**CONHECENDO A REGIÃO DA  
LEOPOLDINA**

**religiosidade popular e  
saúde**



## INTRODUÇÃO

Este caderno sobre *Religiosidade popular e saúde* é a continuação de uma série de publicações que o CEPEL vem fazendo ao longo dos últimos anos. Essa é uma das formas que o CEPEL estruturou para retornar aos grupos com os quais se relaciona, os resultados das pesquisas, discussões e propostas que desenvolve sobre educação, saúde e cidadania. As pesquisas não teriam sentido se ficassem somente restritas aos que as planejam e executam. Elas só têm sentido se fizerem pensar, se integrarem grupos, se valorizarem saberes, se provocarem discussões ou até mesmo mudanças.

Nesse sentido, tem uma questão, também relacionada às pesquisas e is especificamente a esta, a qual não tem sido dada a devida atenção até agora. Refere-se à necessidade urgente da sociedade civil se colocar com firmeza contra o rápido crescimento do desemprego e da fome no nosso país.

Somente em 2001, mais de 20.000 trabalhadores perderam seus empregos no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Em grande parte, essa onda de demissões está relacionada com a extinção de vagas, agravando o que se chama de *desemprego estrutural* (para entender melhor o significado desta expressão, veja o glossário no final deste caderno).



Acreditamos que é a partir dessa perspectiva que os resultados desta investigação sobre religiosidade devem ser entendidos e socializados, principalmente entre profissionais de educação e saúde que estão na lida diária com a população e grupos populares organizados. Dessa forma, poderá se estabelecer uma maior aproximação e até mesmo uma maior interação entre as igrejas, esses profissionais e membros dos grupos.

Dentre as diferentes manifestações religiosas populares, estaremos nos reportando mais especificamente às igrejas evangélicas, uma vez que são elas que apresentam, atualmente, maior crescimento na região da Leopoldina e no Brasil, e as que, por outro lado, mais sofrem discriminação por parte da sociedade.

O forte tom emocional dos membros de determinadas igrejas nos seus cultos, e em particular, dos membros mais pobres, tem tido o efeito de projetar na mídia uma imagem de "excentricidade", fazendo com que estas denominações religiosas não sejam compreendidas pelos profissionais e alguns grupos populares.

Assim, este caderno tem uma função, que é de provocar debates com os diversos segmentos da sociedade com os quais o CEPEL se relaciona, para depois publicar o resultado dessa discussão, ou seja, entendemos que a pesquisa continua nos debates. Essa também é uma maneira de trocar conhecimentos e de tentar ouvir e entender grande parte desses grupos.

Sabemos que o assunto é polêmico, mas aceitamos o desafio de tentar compartilhar algumas das nossas idéias, procurando utilizar, para isto, uma linguagem acessível a todos. Essas idéias são fruto tanto do contato com excelentes livros sobre o assunto, quanto de entrevistas realizadas pelo CEPEL



com diversas lideranças religiosas, assim como da ida de pesquisadores a cultos evangélicos por inúmeras vezes.

Este trabalho foi escrito pensando nas pessoas e grupos com os quais o CEPEL tem parcerias ou se relaciona, como: a Bicuda Ecológica, o grupo Verdejar de Preservação Ambiental, o grupo Sementinha, Pastor Josué e sua equipe da Igreja Presbiteriana Unida do Vila Proletária da Penha e tantos outros não citados aqui, mas não menos importantes.

Não estamos usando neste trabalho a linguagem de nossos colegas da FIOCRUZ, nem de outras universidades. Falamos do lugar de quem pesquisa e concorda com alguns estudiosos. Escrevemos este trabalho para vocês, queridos amigos, porque pensamos que vocês fazem parte dos grupos que podem mudar o Brasil.

Com todos vocês, gostaríamos de debater sobre a religiosidade da população pobre e humilde da Região da Leopoldina. Por quê esse debate? Em primeiro lugar, porque pensamos que os grupos e movimentos sociais (MST, CUT, partidos políticos como o PSB, o PT) enfrentam problemas maiores do que o que podem resolver (por exemplo: MST e a reforma agrária, CUT e os salários dos trabalhadores). Todos esses grupos querem que as classes populares, isto é, os pobres e humildes aceitem suas propostas. O que não é o que acontece, como todos nós sabemos. Nós do CEPEL pensamos que esses grupos não aceitam certas propostas, não porque não as entendem, mas porque entendem a vida de outro jeito, e por isso optam conscientemente por outros caminhos. E nós temos muitas dificuldades em entender como as classes populares pensam suas vidas. Por quê falam as coisas que falam e fazem as coisas que fazem?



Escrevemos este trabalho porque queremos entender melhor o povo. Todos nós queremos um Brasil diferente e uma vida melhor para os pobres e humildes, pessoas que moram nas favelas e bairros populares. Geralmente, ao vermos os grupos populares organizados, queremos que sigam nossas propostas, que consideramos corretas e, na maior parte das vezes, progressistas ou de "esquerda". Mas não é isto o que acontece (quem sabe agora com o governo de esquerda do Presidente Lula isso possa se modificar). Não aceitam nossas propostas porque não entendem o que nós estamos dizendo e nós não podemos nos fazer mais claros porque não entendemos o que os pobres dizem.

Como então podemos entender melhor nosso povo? Pensamos que isso é possível se conseguirmos entender melhor o que os pobres acham importante na sua vida. E essa é uma das razões pelas quais estamos escrevendo este trabalho. Porque uma das coisas que a população mais faz é freqüentar as igrejas e outros centros religiosos. Para nós, entender porque isso está acontecendo pode nos ajudar a entender as classes populares.

O caminho da fé e da religião é o que o povo mais entende. A população pobre é suficientemente inteligente para sobreviver ao desemprego, à fome e à violência. É na religião que eles buscam ajuda para essa luta.

Mas essa é uma discussão que precisamos estabelecer com todo respeito. Não basta aceitarmos a idéia de que a religião é importante para os pobres. A nós temos que entender *porque* é importante. Quem precisa prestar atenção somos nós. E prestar atenção com respeito. Entender porque os pobres insistem neste caminho.

